

A RELEVÂNCIA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cláudia Cristina Marques dos Santos (UERJ)
claudiacmsantos@ig.com.br

Este trabalho refere-se às reflexões iniciais da minha dissertação que surge de algumas inquietações referentes ao tipo de ensino produzido pela sociedade que, muitas vezes, não possibilita à língua portuguesa se representar como linguagem. Um idioma transpira identidade e não se pode estudá-lo apenas como mais uma matéria da grade curricular.

Em diversos níveis de aprendizagem – do ensino fundamental ao médio – os alunos encaram mecanicamente o estudo da língua, como uma “decoreba” de regras que nada significam. Em sua maioria, não conseguem realizar uma leitura além da superfície. Não há interlocução com os textos, o que acarreta total falta de articulação do conhecimento. Solicitar a um aluno que explique com as próprias palavras um assunto, supostamente compreendido, pode ser um imenso desafio.

Como, porém, desfazer a imagem de desnecessário que o estudo da língua materna carrega? Qual a maneira para os discentes perceberem sua importância? Não se maquia a língua e se finge, simplesmente, que o estudo da gramática não se impõe como fundamental. Além de reverter essa visão, o ensino da língua portuguesa demanda uma reformulação que se coadune com o objetivo de formar cidadão críticos.

Partindo do princípio de que sabedoria não se submete à compartimentalização, tomo emprestado do *marketing*, os fundamentos de “reposicionamento de marca” para estruturar minhas investigações. Conforme Armstrong e Kotler (1998, p. 201) esse conceito “pode exigir modificação do produto e também de sua imagem” a fim de modificar a percepção dos consumidores acerca dele.

De modo geral, reposicionar envolve reverter a imagem de uma marca ou produto. Na história da propaganda moderna, encontra-se o caso clássico das sandálias Havaianas que, de produto consi-

derado de terceira categoria, popular e sem graça, passa a objeto da moda, com preço elevado e cobiçado por pessoas de diferentes níveis sociais.

A mudança exige planejamento e, em seu processo usual, envolve pesquisas de mercado e entrevistas. Pode, no entanto, advir somente da observação pura e simples do comportamento do consumidor. O olho de um bom observador, às vezes, substitui, com vantagem, processos complexos de pesquisa e análise. Traçando um paralelo com a aprendizagem formal da língua nativa, pensar em algo que desinstalasse a ordem atual requereria que eu estivesse atenta ao comportamento, desejos e expectativas não só da comunidade escolar, como também da sociedade.

Em um segundo momento, promovem-se campanhas publicitárias para associar o produto a eventos ou ocasiões que transmitam uma aura de felicidade, sofisticação, conforto, entre outros. Tudo, de acordo com o detectado na fase inicial. A melhor maneira de fazer a associação de um produto consiste em observar as pessoas em seu habitat, sem interferir. Da perspectiva da língua precisa-se, então, realçar o que já se dispõe no ambiente linguístico. Em concomitância, deve-se trabalhar com foco no público-alvo. Recriar a imagem do idioma para um público ou classe social ainda não bem posicionado em relação à visão anterior. No caso da aula de português, a meta se dirige para convencer os jovens de que o conhecimento da língua não se reduz à aplicação de avaliações ou produções textuais. Uma língua representa o código que determinado grupo social dispõe para falar sobre as demais linguagens e quanto maior a segurança nesse canal de expressão, melhor a habilidade de expressar o pensamento e mais ampla a capacidade de lidar com o novo.

Estabelecendo uma relação com o marketing, o sucesso depende de uma consulta bem elaborada, em que as perguntas certas aconteçam, antes das respostas definitivas. Do lado pedagógico, torna-se vital para a motivação do aluno que as aulas de língua portuguesa dialoguem com a realidade que o jovem tem acesso. Cabe, portanto, buscar as alternativas viáveis para se reformatar o produto.

Vale ressaltar que há muitos caminhos, alguns de ordem puramente linguística, outros de processo de aprendizagem ou mesmo de abordagem, porém, o que se propõe neste trabalho tem como

premissa pensar a língua como a principal marca cultural de um país, valorizando o ensino a partir do dia a dia da sociedade, na qual a interação das diferentes linguagens promove a comunicação entre os homens.

No mundo pós-moderno, velocidade tornou-se sinônimo de sucesso; quanto mais rápido se depreende uma informação, maior a chance de se produzir uma ação eficaz e eficiente. Já diz a sabedoria popular que “tempo é dinheiro” e, em uma sociedade de relações tão complexas quanto a da atualidade, compreender as regras de uma comunidade, sua cultura e tradição não se constitui tarefa das mais fáceis.

A harmonia de uma coletividade passa pela capacidade de cada integrante produzir e interpretar sentidos. Por meio do pleno domínio da linguagem, devem-se apreender do cotidiano dados que se transformem em instrumentos para contribuir na conscientização do cidadão como um “indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos garantidos pelo mesmo Estado e desempenha os deveres que, nesta condição, lhe são atribuídos”, segundo o Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001, p. 714).

Dessa forma, as instituições de ensino têm papel fundamental na capacitação de alunos aptos a destripar as informações que se apresentam pela mídia ou pelos meios acadêmicos, permitindo que os jovens utilizem a língua para além do reconhecimento de leis e regras gramaticais, munidos de argumentos para criarem os próprios modos de ver o mundo, respeitando a diversidade e ganhando mobilidade no ambiente social.

A partir da constatação de que a escola representa um forte agente de mudança na sociedade, precisa-se reformular o quê e como a escola deve ensinar. A realidade atual demanda uma maneira diferente de organizar o espaço, de se relacionar e, conseqüentemente, solicita novos cidadãos.

Uma das posturas fundamentais no processo implica reconhecer que conhecimento científico não encerra um fim em si mesmo, mas se constitui instrumento para ajudar a desenvolver competências. A escola não deve ser vista como um lugar de transmissão de

conhecimento, mas como espaço de criação e produção intelectual sem barreiras. Ao representar formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são seleções e exclusões particulares da cultura mais ampla, pode-se afirmar que sua meta se traduz na aprendizagem individual.

A bagagem escolar do ponto de vista curricular não atende mais à educação do século XXI. Com tantas ondas de informações, as pessoas ficam desorientadas frente a um mundo complexo e constantemente em mudança. Assim, conforme o relatório da UNESCO elaborado por Delors et alii (2000, p. 89), “a educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”. Quatro aprendizagens tornam-se fundamentais como pilares do conhecimento: aprender a conhecer, dominar os instrumentos do conhecimento; aprender a fazer, a fim de por em prática o conhecimento; aprender a viver juntos, permitindo um contexto igualitário e a descoberta do outro; e aprender a ser, para melhor desenvolver um pensamento autônomo e crítico, refletindo sobre o mundo em construção.

Segundo Delors (2000, p. 96), os países em desenvolvimento, como o Brasil, “encaram o futuro como estreitamente ligado à aquisição da cultura científica que lhes dará acesso à tecnologia moderna, sem negligenciar com isso as capacidades específicas de inovação e criação ligadas ao contexto local”. Questiona-se, porém, em que momento da educação formal esse ambiente nativo ganha cores fortes. Como o estudante é incentivado a perceber o mundo? Seu olhar enxerga tudo o que vê?

Num mundo em transformação, devem-se valorizar, principalmente, a imaginação e a criatividade, expressões da liberdade humana, sempre ameaçadas pela padronização de comportamentos. O século XXI precisa oferecer às crianças e aos adolescentes ocasiões de descoberta e experimentação que contribuam para o aprender a ser, inclusive de forma a lhes apresentar em que âmbito se criou a sua geração e as que os precederam.

Na sociedade contemporânea, altamente tecnológica, as informações chegam a todo instante e de qualquer lugar. Ainda em busca de suas próprias identidades, os jovens, porém, não estão aptos

a filtrar e reprocessar o conteúdo das mensagens. Quanto mais tempo se despende na construção desse mecanismo de seleção e entendimento, menos preparado o indivíduo para criticar e transformar o meio social.

De modo geral, parece que as famílias veem as instituições escolares como dotadas de responsabilidade e autoridade para educarem seus rebentos. Os pais, cada vez mais atarefados em garantir o próprio sustento, ou mesmo a sobrevivência como indivíduos pertencentes a um grupo, delegam a elas muito mais do que a educação formal. Os adolescentes, por sua vez, acostumados a conseguir o que precisam e desejam de forma facilitada, esperam que a escola forneça os instrumentos necessários ao sucesso profissional, sem se importarem em refletir sobre a realidade ao seu redor e as suas consequências para o futuro.

Pensando o cidadão do século XXI, como espécie responsável pela continuação da vida no planeta, não só no que se refere à natureza, mas também à convivência entre os homens, e a fim de que não se forme apenas como útil à produção, esse trabalho aponta alguns caminhos para a inserção das manifestações culturais no ambiente escolar, especialmente nas aulas de língua portuguesa, como ferramentas que auxiliem à constituição de um sujeito contemporâneo crítico.

A cada dia, presencia-se a alienação dos jovens em relação aos problemas que enfrenta a sociedade moderna. De certa forma, essa constante apatia, que cresce de geração em geração, contribui para a grande barbárie em que se vive.

Muitas vezes, por não receberem estímulos adequados ao processo de reflexão - que se constitui em um exercício contínuo -, esquecem-se de que são dotados de tal habilidade. Outras, a dificuldade com a língua os impede de progredir num encadeamento lógico que conduza aos argumentos necessários para um debate eficaz.

Assim, pressupõe-se que o incentivo à maior exposição às manifestações culturais proporcione a ampliação das percepções cognitivas e linguísticas, bem como uma oportunidade de crescimento como ser humano, integrante de uma coletividade bastante heterogênea. Cabe ao professor, mais do que estimular o conhecimento de

todos os tipos de expressões - desde a clássica até a pop -, “vender” o desejo de partilhar o mundo que acontece fora dos muros da escola. De certa forma, pratica-se um exercício de humanidade, pois, nesse momento, se começa a perceber que não se precisa gostar de tudo ou de todos, mas há a obrigação como ser humano de não se recusar experiências. Afinal, para se afirmar que algo não agrada, deve-se primeiro conhecer.

Propagar essa prática, alcançando efetivamente as salas de aula e ratificar sua importância, representa uma grande contribuição da universidade para a ciência, uma vez que o discurso científico constituiu-se o lugar da autoria e da argumentação.

Na tarefa de perceber determinada linguagem, requisita-se ao aluno a capacidade de reconhecê-la, identificar suas características, seus traços, seu ambiente. Na medida em que há uma impressão sensorial que se verbaliza, quando já se domina o código linguístico ou, pelo menos, se admite sua relevância, se tangibiliza o aproveitamento dessa interação. Além de uma questão estética e cognitiva, o aluno desperta para aspectos referentes à língua portuguesa, levantando questões sobre as escolhas gramaticais ou sintáticas do autor, por exemplo. O embate com novas linguagens por meio da cultura salienta, ainda, a questão do estilo, conduzindo o aluno à reflexão sobre o porquê de sua identificação com determinada obra ou autor/artista. Essa sensibilização só se torna possível quando se teve a oportunidade de passar por diferentes estilos, de vivenciar as várias maneiras de se materializar a criação. Ao concretizar suas escolhas, leva-se o aluno a expressar o subjetivo, a quantificar em palavras a qualidade da sua emoção. O trabalho em equipe “manifestação cultural – aluno – verbalização” permite uma nova perspectiva do ensino, na qual se solicita a todo o momento o aprimoramento linguístico.

Aliado à contribuição significativa para o aluno, frisa-se a importância para o desenvolvimento do professor, que passa a ter como interlocutor alguém que se coloca como sujeito de suas próprias palavras, exigindo do docente uma constante interação comunicativa que proporciona trocas e novas visões sobre o estudo.

Entende-se que a relevância do estudo está em contribuir para o debate acerca das manifestações culturais aplicadas à sala de aula,

trabalhando os conceitos de leitura, produção de textos e ensino da língua materna nos dias atuais.

Um estudo que pretende contemplar as manifestações culturais como fomento para a motivação da aprendizagem da língua não se limita à área de concentração destinada e deve, portanto, buscar outras convergentes ao tema.

A revisão bibliográfica abrangerá, dentre outros, aspectos da Filosofia, abordando teóricos como Theodor Adorno que versa sobre a massificação cultural e Michel Foucault que propõe uma reflexão sobre o utilitarismo; da Antropologia, a partir das considerações de Roque de Barros Laraia e José Luiz dos Santos; e dos Estudos Culturais, contemplando as propostas de Andrea Semprini sobre o Multiculturalismo e de Rogério Fleuri sobre Educação Intercultural.

A história da humanidade presenciou três revoluções da informação: a escrita, o livro e a imprensa causaram grande impacto na sociedade, no ensino, na cultura – para não falar na religião. Afirma-se que o mundo vivencia a quarta onda da informação; a atual, entretanto, não se traduziria em tecnologia, maquinário, técnicas ou velocidade, mas em conceitos. Com a crescente acessibilidade dos jovens a toda sorte de dados e a importância da linguagem para o pleno domínio das tecnologias e demandas do mundo contemporâneo, este trabalho visa a apontar caminhos para a inserção das manifestações culturais, entendidas como a voz social, uma maneira subjetiva de o ser humano transpor seu interior, o que pensa, o que deseja fazer, mover, ou modificar, em suas múltiplas possibilidades, na dinâmica das aulas de língua portuguesa, viabilizando, assim, que os indivíduos sejam capazes de aprender a organizar as informações como recurso-chave para o sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Gary; KOTLHER, Philip. *Princípios de marketing*. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1998.

DELORS, Jacques et alii. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Positions*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

SILVA, Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.